

Crítica à obra Coreografias para Ambientes Preparados

Por Mariângela Guimarães- jornalista graduada pela Universidade Federal do Paraná UFPR, Curitiba , PR Brasil, pós graduada pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná, Master em Jornalismo pelo Instituto Internacional de Ciências Sociais. Foi editora do Caderno G da Gazeta do Povo de 1991 a 1999. É assessora de imprensa do Festival de Curitiba, editora do site Brazile.Net sobre arte e cultura brasileira na Holanda. Vive em Amsterdam desde 2002 e faz parte da equipe da Radio Nederland Wereldomroep

Abertos para a rua e para o público

Mariângela Guimarães

O sugestivo título "Coreografias para Ambientes Preparados" já despertava a curiosidade, mas não revelava muito do que o público assistiria neste espetáculo do Balé Guaíra. Idealizada para a Virada Cultural de Curitiba por Carmen Jorge, a coreografia tomou conta da rua, das paredes, janelas, jardins, calçadas e de um hall no térreo do Teatro Guaíra, explorando os vários espaços mesclando a dança a outras linguagens artísticas, com boas doses de tecnologia.

A ideia era levar o balé para o lado de fora, inverter a cena e em vez de ter o público entrando no teatro para assistir a um espetáculo, levar o espetáculo para a rua. Em vez da distância e do olhar de reverência da plateia, buscar a proximidade e a cumplicidade.

Com uma coreografia bastante livre, pontuada por alguns momentos de gestos conjuntos, os bailarinos como que "abraçavam" o teatro e seu entorno, correndo ou criando formações geométricas deitados no chão, enquanto projeções de videodança pré-gravadas em áreas internas do teatro ou em suas redondezas ocupavam as paredes laterais da entrada do Guairão. Subindo um pouco o olhar, o espectador às vezes se surpreendia com outros bailarinos dançando junto à fachada de vidro. Ao mesmo tempo, no hall inferior os próprios bailarinos se filmavam e a projeção chegava aos paredões em tempo real com efeitos visuais criados por um artista.

Para quem assistia, a sensação era de "tudo ao mesmo tempo agora". Difícil saber para onde olhar, para onde ir, e a experiência nova de poder, de certa maneira, escolher por conta própria o espetáculo que queria ver. Quem ficou só na rua assistiu uma coisa; quem optou por ficar só no hall viu outra, e os que preferiram circular também, cada um vivenciando um espetáculo vibrante e único.

A música, assinada por Vadeco, envolvia a todos num ostinato eletrônico quebrado apenas por uma participação ao vivo do grupo Klezmorin – um momento de estranhamento que talvez não fosse necessário ao espetáculo.

Na maior parte do tempo, os bailarinos pareciam criar, em conjunto, passagens coreográficas espontâneas, se atendo apenas a manter um mesmo vocabulário de movimentos. Por um lado, isso fez com que faltasse interação e emoção entre os bailarinos, uma vez que cada um se fechava em sua própria trajetória em cena. Por outro lado, permitiu que mostrassem o melhor de si e fez com que o público se sentisse livre para interagir, já que ninguém "atrapalharia" uma coreografia de marcações rígidas com uma intervenção.

Em vários momentos ao longo da apresentação, pra fazer graça ou porque simplesmente não resistiam à vontade de participar de alguma forma, uma ou outra pessoa se arriscou a sair da condição de espectador para também dançar, deitar no chão com os bailarinos, entrarem cena. O motivo que as

levou a fazer isso é o que menos importa. O interessante é que o espetáculo tenha provocado nestas pessoas a urgência de também se expressar mesmo antes de um convite explícito, que só veio ao final, quando a rua foi transformada numa grande festa de confraternização entre artistas e plateia.